

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º a entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 535	Redacção — Atelier de Gravura Administração <i>Lisboa, L. da Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	I DE NOVEMBRO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável, Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



AUGUSTA CRUZ

Cópia de uma photographia de Emblemi e Ballarini



CHRONICA OCCIDENTAL

Por uns dias esplendidos, que mais pareciam de verão que de outono, realizou-se no Passeio da Estrella a *kermesse* promovida pela comissão da Imprensa de Lisboa a favor das victimas do cyclone dos Açores, e, graças a esse tempo delicioso, a concorrência ao Passeio da Estrella foi enorme, tanto de dia como de noite, o que não era muito de esperar em noites de fins d'outubro, e essa festa de caridade deve ter produzido farta esmola para os desgraçados açorianos.

A comissão da Imprensa sabia-se brilhantemente do seu encargo e honra-lhe seja por isso!

A *kermesse* não estava muito luxuosa, propositalmente, é claro, sensatamente, porque a comissão decerto pensou, e muito bem, que tratando-se d'uma festa de caridade não devia estar a fazer despesas enormes, como se se tratasse d'uma festa de gala, despesas que consumissem grande parte da receita, como acontece frequentemente em festas de caridade; as barracas eram de grande simplicidade, simplicidade que não excluía a elegância e o bom gosto, havendo entre ellas algumas originalissimas e de esplendido effeito, como por exemplo a barraca dos bombeiros, toda construída com madeiras e objectos salvos de varios incendios, e principalmente do recente incendio do Mercado 24 de Julho.

Estivemos na *kermesse* no primeiro dia, no domingo 20, e pode-se dizer que o vasto recinto do Passeio da Estrella estava litteralmente cheio e entretanto essa multidão, que se agglomerava em frente das barracas de sortes, do theatro onde os pequenos da companhia infantil do sr. Chaves representavam as suas comédias, do acampamento onde o batalhão escolar da Real Casa Pia fazia os seus exercicios, essa multidão que enchia todas as ruas mesmo as mais afastadas do Passeio, que até se acotovelava no alto da montanha russa, era composta quasi exclusivamente de burguezes e de povo, sem o elemento aristocratico, a gente conhecida do *high life* dos jornaes, que de ordinario costumam concorrer a estas festas e que ainda anda em villegiatura pelas estações d'agua e pelas praias elegantes, á espera das primeiras chuvas para recolher á capital.

Anda ainda em villegiatura pelas praias, a alta sociedade lisboeta, mas faça-se-lhe justiça, que por andar em festas não se esqueceu tambem dos nossos infelizes compatriotas dos Açores, e a prova ali está na brilhante *kermesse* que ha dias se realizou em Cascaes, sob a presidência de Sua Magestade a Rainha D. Amelia, e que foi uma esplendida festa e ao mesmo tempo uma avultada esmola para os pobres açorianos.

Apesar porém de faltar o elemento aristocratico importantissimo das festas de Lisboa, na *kermesse* da Imprensa, o Passeio da Estrella teve enchente á cunha tanto de dia como de noite, o que prova quanto o fim santo d'essa festa calou no espirito de toda a gente e como a grande massa de publico se associou fraternalmente á imprensa, n'essa sua obra de caridade.

Nesse domingo houve um movimento verdadeiramente excepcional na vida lisboeta.

Como já dissemos o Passeio da Estrella esteve de dia e de noite cheio de gente, e era ver o desfilar continuo dos carros do Elevador da Estrella para a praça de Camões e da praça de Camões para a Estrella permanentemente a trabordarem de passageiros, e ao mesmo tempo a tourada no Campo Pequeno com enorme concorrência e tres theatros de Lisboa, que nós sabíamos, a Trindade, o Gymnasio e a Avenida, fecharem de dia ainda as portas dos seus bilheteiros, por já não terem bilhetes para vender.

Segundo vemos dos jornaes o unico divertimento que padecia um bocadinho com esta alluvião de diversões do domingo, com esse despejar de gente para todas as festas, foi a feira do Campo Grande.

É verdade porém, segundo nos affirmam, — que nós ainda lá não estivemos, — a feira este anno está ainda mais pequena e peor organizada que nos annos anteriores.

Iremos um d'estes dias vê-la em attenção á gloriosa memoria que de si deixou a antiga e famosa feira do Campo Grande, e depois diremos d'ella e do modo como ella sustenta essas brilhantes tradições, já ha annos tão esfarrapadas.

Quando tínhamos acabado de rever as provas da nossa ultima chronica chegou-nos uma noticia triste a que já n'essa chronica não pudemos dar cabida, a noticia da morte do actor Leoni.

Não foi para nós, nem para quem com Leoni tinha lidado n'estas ultimas semanas, uma surpresa essa noticia.

Leoni que já ha annos estivera ás portas da morte, nunca mais recuperara a saude d'outra ora, e ultimamente o seu estado, aggravando-se dia a dia, inspirava a todos que o conheciam serios cuidados e apprehensões.

Elle proprio não se illudiu por muito tempo com o seu estado.

Ha mezes quando terminou a epoca theatral passada, pensou ainda que poderia trabalhar como d'antes e aceitou o cargo de ensaiador do theatro da Avenida para que fora convidado pela festejada actriz Cinira Polcino.

Foi passar as ferias do verão ao Cartaxo e voltou de lá um pouco mais animado e bem disposto para o trabalho.

Começou a ensaiar e comprehendeu tristemente d'alli a semanas que contára de mais com as suas forças; e elle proprio poucos dias antes de subir á scena, na Avenida a magica que elle ensaiara e em que tinha um papel, pediu á empresa que lhe rescindisse a escriptura, que o dispensasse, pelo menos temporariamente, dos seus trabalhos, por que precisava descansar.

A empresa concedeu-lhe immediatamente a licença pedida e Leoni foi para a sua casa no Cartaxo descansar.

Pobre e infeliz Leoni! Mal sabia elle, ou antes, talvez desgraçadamente soubesse, que ia descansar para sempre!

Efectivamente d'alli a breves dias chegava a Lisboa a noticia de elle ter exhalado o ultimo suspiro!

Leoni era um dos actores mais illustrados que tem havido nos theatros de Lisboa e ao mesmo tempo um dos comicos mais engraçados que tem pizado os palcos de Lisboa.

Depois de ser professor de instrucção primaria, e de ser curioso dramatico dos mais distinctos, estreara-se no theatro da Rua dos Condes, quando a direcção brilhante de Francisco Palha deu a esse theatro uma aura gloriosa, que depois dos tempos do Emilio Dour elle nunca mais tornou a ter.

O que é mais original e quasi incompreensivel para toda a gente que conheceu, applaudiu, e victoriou Leoni na Trindade é que elle se estreou no theatro como galan dramatico!

É verdade que pouco tempo se demorou n'esse genero, em que era mediocre, e passou logo aos centros comicos em que era extraordinario de veia comica.

Foi das mais brilhantes a reputação theatral de Leoni. As suas creações não se distinguiram muito umas das outras pela originalidade, mas impunham-se e triumphavam pela sua intensidade comica.

Leoni não tinha uma grande variedade de typos comicos, mas tinha uma poderosa individualidade, que, embora ás vezes reproduzida, dava sempre um effeito extraordinario e o collocou na primeira plana, entre os mais brilhantes dos nossos actores comicos.

Não foi só como actor que Leoni brilhou no theatro: brilhou tambem, ainda que muito menos, como auctor: teve muitas imitações felizes, que agradaram muito, e um numero consideravel de traducções, que durante muitos annos constituíram a maioria do repertorio da Trindade.

Além de actor e de traductor, Leoni era ensaiador e tinha para esse cargo grande competencia, pela sua alta instrucção artistica, pela sua brilhante intelligencia e pelos conhecimentos especiaes que possuía da sua arte.

Durante muitos annos, enquanto a sua saude e a sua idade lhe permittiam dedicar-se de veras ao trabalho, Leoni foi um dos nossos melhores ensaiadores.

Entre as numerosas peças marcadas e ensaiadas por Leoni, no theatro da Trindade, houve muitas que foram verdadeiros primores de *mise-en-scene*, e o seu bom conselho e a sua intelligente lição contribuíram para muitos dos grandes exitos, que houve na antiga empresa da Trindade.

Leoni, como todos os artistas em Portugal, morreu pobre.

Consta-nos que se projecta uma recita n'um dos nossos theatros para com o seu producto se erigir, n'um dos cemiterios de Lisboa um mausoleu ao chorado artista e fazer transportar para elle os

seus restos mortaes, que jazem no cemiterio do Cartaxo.

Associamos-nos desde já sinceramente a este justissimo preito prestado á memoria do illustre e infeliz actor.

Com o mesmo desassombro com que fallámos aqui ha dias no *insuccesso* dos *Grillos* de Vast-Ricouard, no theatro do Gymnasio, registamos aqui hoje o brilhante exito alcançado no mesmo theatro pela comedia de Valabregue o *Primeiro Marido da França*.

Julgamo-nos dispensados de mais uma vez repetir o que tantas vezes aqui temos dito acerca do que pensamos da responsabilidade dos traductores, em *successos* ou quedas de peças traduzidas, e se ainda hoje fallamos n'isso é porque, ao mesmo tempo que nos corre o dever de agradecer as phrases amabilissimas e inmerecidas, com que alguns dos nossos illustres collegas da imprensa de Lisboa se referiram a nossa traducção da peça de Valabregue, corre-nos tambem o dever e o direito de rectificar uma affirmação menos exacta que por alguns criticos foi feita — por uns com elogio, por outros com censura, censura e elogio igualmente mal cabidos — de que tínhamos mettido, de nossa casa, situações e rubricas no *Primeiro marido da França*, principalmente no fim do segundo acto, que nós carregámos, dizem, com episodios novos, como por exemplo o do genro enterrar o quadro da Coront pela cabeça do seu sogro!

Esta affirmação ou informação é perfeitamente errada, como se pode ver pela leitura do original francez.

O final do segundo acto é textualmente o de Valabregue, palavra por palavra, rubrica a rubrica: bom ou mau é d'elle, e regeitamos, por injustificados e inmerecidos, as censuras ou os louvores.

Não augmentámos nem alteramos em nada a peça franceza, e se o fizéssemos, como a outras temos feito, ter-lhe-ia-mos, chamado, como a essas chamamos, imitação e não traducção, tomando assim a nossa parte na responsabilidade do seu exito.

Limitámos-nos a traduzir a peça de Valabregue, melhor ou peor como soubemos, restringindo apenas mui ligeiramente e sem em nada alterarmos a intenção ou o valor da comedia, em um ou dois dialogos, umas pequenas liberdades de phrases, que nada punham ou tiravam a peça, que não augmentavam nem diminuía a gloria do seu auctor, nem o interesse da sua acção, e que podendo melindrar as susceptibilidades do nosso publico, mais escrupuloso n'esse ponto que o publico de Paris, podiam prejudicar, perante elle, o successo a que o *Primeiro marido da França* tinha incontestavel direito.

E esse successo teve-o e dos mais calorosos, que ultimamente peças estrangeiras tem tido entre nós, mercê das suas altas qualidades de boa comedia, e do desempenho que lhe deram os principaes artistas do Gymnasio, que a representaram, desempenho que não tivemos ainda occasião de apreciar, porque ainda não assistimos a nenhuma representação da applaudida comedia, mas que não hesitamos em louvar sob palavra, louvando nos para isso na opinião da critica, nos applausos do publico, e na provadisissima capacidade d'esses excellentes artistas.

Á hora de terminarmos a nossa chronica chegamos ás mãos um livro novo, que é uma verdadeira novidade litteraria, o sr. *Alfere* estudo de costumes alemtejanos, estreia em romance, do nosso velho e querido amigo Augusto de Mello, o illustre actor-ensaiador do theatro de D. Maria, o distincto escriptor, que por mais d'uma vez nos fez a fineza de substituir n'estas chronicas, o brilhante *Beltrão* das chronicas do antigo *Correio da Manhã*.

Falta-nos hoje o espaço para fallar do romance do Mello, mas não queremos terminar esta chronica sem noticiar o apparecimento d'elle aos nossos leitores, fechando a assim com uma boa noticia.

Gervasio Lobato

AUGUSTA CRUZ

É principalmente aos seus artistas lyricos que Portugal deve a affirmação incontestavel feita perante os principaes centros da Italia, da França, da Austria, da Inglaterra, etc., de que é possuidor de magnificas organizações inspiradas da Arte, ri-

vaes temíveis das que de lá se nos mostram revestidas da mais pura celebridade. Afirmaram-se primeiramente os irmãos Andrades, e logo se lhe seguiram, ciosos de tamanha honra, a Paccini, Nascimento, Salvaterra, Rosa e Maria Judice. Recentemente, porém, abriu-se subitamente a alma lyrica nacional e uma estrella nova, de brilho fulgurante, surgiu a augmentar o encanto do pequenino ceu em que aquelles astros de primeira grandeza já se ostentavam. Era D. Augusta Cruz.

D. Augusta Correia da Cruz nasceu em Vizeu a 13 de agosto de 1869, sendo seus paes Antonio Coelho da Cruz e D. Julia Correia da Cruz. A gentilissima cantora conta hoje, portanto, vinte e quatro primaveras, a idade favoravel ao desenvolvimento completo das faculdades physicas e intellectuaes, n'ella, em verdade, já evidenciadas brillantemente. Ainda creança começou de manifestar a sua especial aptidão para o bello canto n'uma voz admiravel e n'uma assidua applicação á musica, que levavam a prophetisar-lhe os que a observavam, um futuro todo annado de homenagens e ovações. A artista revelava-se, e os que assistiam a este sereno desabrochar do timido talento ainda embryonario, quanto promettedor, aconselhavam os paes d'ella a dispensar-lhe sem demora a educação artistica da qual se ia tornando creadora.

Foi então que o grande affecto paternal deu origem ás maravilhas resultantes d'uma lucta prodigiosa, cyclopica, digna de ser admirada por esses que não suspeitam de quanto é capaz a vontade inquebrantavel, animada pelas intuições honestas e de alcance proveitoso a todos. O amor immenso e o desejo tenaz dos progenitores da illustre viziense, obraram accões heroicas, e de tal maneira conseguiram sustentar-se firmes no combate, que o seu triumpho foi tão completo como glorioso.

Foi Luiz Dalhenty, o habil musico, que a esse tempo residia em Vizeu, o professor que primeiro iniciou Augusta Cruz nos segredos da musica e a preparou para o prefacio da sua obra artistica, que teve lugar em 1887 n'uma *soirée* de familias realçada nos salões do Gremio. A ovação calorosa dos circumstantes cimentava os primeiros marmores da mansão da sua nova existencia. Em 8 de maio do anno seguinte sahia ella para Lisboa a receber as proficuas licções de Arthur Pontechy, regente da orchestra do real theatro de S. Carlos. A lapidação do diamante fazia-se rapidamente, com todos os requintes de cuidado e delicadeza empregados nas joias de subido valor. Mezes depois, os professores do Conservatorio, Melchior Oliver e Napoleão Vallerany, ouviam e classificavam de admiravel a sua voz, pelo bellissimo timbre e notavel extensão que a caracterisavam, concluindo: «É uma garganta privilegiada!»

Deu-se então no theatro de S. João do Porto, (outubro de 1888) essa esplendida festa de caridade que ficou gravada a oiro nos annaes do theatro lyrico portuguez, e na qual tomaram parte os mais distinctos amadores de canto do paiz e com elles a nossa biographada. Cantou-se o *Fausto*, o spartito finissimo de Gounod, e Augusta Cruz envergou o *travesti* gentil de Siebel, o pallido sentimentalista apaixonado que só ás florinhas mansas confiava o seu amor por a loira Margarida. Da maneira original e brilhante empregada pela novel cantora, para melhor evidenciar o seu personagem, que falle agora parte da imprensa portuense:

A *Epocha* — «Terminou o acto do jardim. Siebel surprehende a plateia pela frescura e timbre da voz. Repete-se a aria, que canta como nunca se ouviu em S. Carlos.» O *Jornal da Manhã* — «A estrophe *le parlate d'amor* foi cantada com esmero, merecendo as honras de *bis*. A intelligente senhora possui uma deliciosa voz, muito igual, suave e doce e uma vivacidade e disposição para a scena realmente admiraveis.» O *Commercio Portuguez* — «Foi o que se pode chamar encantadora, no modo correctissimo como cantou toda a sua parte, especialmente a canção do 3.º acto, dita com toda a expressão e esmaltada com uma fina graça. Tem recursos para muito: é de certo uma vocação brillantissima.»

Reconhecida publicamente a especial aptidão da sympathica viziense para a scena lyrica, o governo portuguez dispensou-lhe logo um subsidio afim d'ella poder ir á Italia a aperfeiçoar-se na musica classica, em pleno convívio artistico dos grandes maestros. Em 17 d'agosto de 1889 partia Augusta da Cruz para Milão, acompanhada por sua mãe, e com recommendações especiaes para o nosso consul n'aquella cidade, o qual se apressou logo a apresentar a ao famoso professor Antonio San Giovanni do Conservatorio, e regente do Scala. Sob a direcção do sabio mestre, a educação musical de Augusta Cruz ficou completa, permitindo-lhe o seu debut em a noite de 11 de novembro de 1890 no theatro Garibaldi de Padua.

Cantou o *Trovador* e o exito obtido «foi esplendido», no dizer do *Don Falcucio* de Milão. A geral reputação artistica da cantora portugueza estava feita.

A Arte abriu-lhe de par em par o seu portão de marfim e sorria-lhe com a sua alma de fino oiro, encaminhando-a para a carreira dos triumphos ininterruptos. Cantou depois em Veneza a opera *Romeu e Julieta* de Gounod, — «um triumpho», diz *L'Indipendente*. Em Milão exhibiu-se no Dal Verme, onde cantou o *Trovador* com a mesma correção notada pelo publico de Padua. Passados tempos o theatro lyrico Nacional de Roma, admitia-a em seu seio para a interpretação do *Ruy-Blas* — «em que se tornou celebre», afirma o jornal *Carmen*. Da Italia passou a talentosa soprano á Austria e debutou em Trieste cantando o *Ruy-Blas*, *Cavallaria rusticana*, *Lohengrin* e outras operas, «sendo applaudidissima». Voltando ao formoso paiz dos mais puros ceus azues que se conhecem, continuou ella a evidenciar-se mais e mais distinctivamente.

O alto relevo artistico que em Savona soube imprimir ao seu personagem da *Cavallaria rusticana*, foi deveras notabilissimo. «Augusta Cruz», escreve *L'Indipendente* — «em aquella esplendida obra de Mascagni, causou assombro no publico». «Mostrou-se uma artista excepcional, uma insuperavel Santuzza», acrescenta o *Carmen*. A sua festa artistica em Savona, dada em a noite de 21 de fevereiro do anno findo, foi tão encantadora que o *Jornal* d'aquella cidade escreveu: «Savona registará nos annaes do seu theatro lyrico o nome de tão illustre artista».

No Vittorio Emanuele, de Turim, e no theatro lyrico de Genova, a apresentação de Augusta Cruz foi igualmente auspiciosissima. Da mesma forma em Macerata, onde causou verdadeiro delirio ao cantar o *Roberto do Diabo*, a severa composição do glorioso Meyerbeer, ao lado de Gambardella, Sabellico Antonio, But Giuseppina e outros artistas de raça. O jornal *Don Falcucio* publicou o seu retrato e dedicou-lhe um artigo em prosa cheio de enthusiasmo. Os mais recentes triumphos artisticos da notavel cantora foram obtidos: no theatro Imperial de Varsovia, Russia polaca.

As operas *Cavallaria*, *Lohengrin*, *Força do Destino*, *Huguenottes*, *Le Ville*, de Puccini, confirmaram-lhe plenamente os seus creditos de artista de primeira ordem. Não podiam ser mais lisonjeiros para ella os importantes periodicos varzovianos *Gazeta Polska*, *Kurjer Poranny* e *Kurjer Warszawski*, dos quaes possuímos transcripções fieis sobre o assumpto, que bem provam que a Arte é universal.

Emfim, todos estes factos avolumam desmesuradamente o nosso vaticinio, de que a gentil cantora portugueza encontrará manifestações de profunda consideração eguaes, senão maiores, nos palcos lyricos do Mexico e da Havana para onde acaba de ser escripturada vantajosamente.

Setembro, 1893.

A. Campos.



AS NOSSAS GRAVURAS

A GUERRA HISPANO-MARROQUINA

Os gravissimos acontecimentos que presentemente se dão no norte d'Africa, no campo da velha cidade de Melilla, podem já considerar-se como um facto dos mais serios pelo character diplomatico que provavelmente terão de assumir, pois que a Hespanha, em vista dos sacrificios em homens e dinheiro já soffridos, não poderá deixar de exigir indemnisações pecuniarias e territoriaes. E' n'este ponto que está a causa de um rompimento de relações internacionaes.

Nascera, d'aqui, a discordia entre as potencias europeas, visto o interesse com que mutuamente se expreitam nas suas tentativas de expansão.

E a guerra succeder-se ha immediatamente, dados os aprestos bellicos das duas nações que mostram maiores interesses na região que é theatro dos acontecimentos que vamos narrar.

A Alemanha e a Inglaterra são dois inimigos que a Hespanha vê tramarem no Riff hostilizando-o com ella. Assim, no reino visinho, já abertamente se accusam os inglezes de fornecerem armas e munições ás kabyilas do Riff para as ajudarem na guerra.

E tão manifestamente isso se crê que os hespanhoes fazendo a guerra ao Riff, pensam fazel-a indirectamente ao Reino Unido.

Todavia, a Hespanha não vae á conquista de Marrocos, já porque não está em condições para fazel o, já porque isso provocaria o conflicto europeu.

Digamos agora qual a origem do conflicto entre Hespanha e Marrocos, conflicto que já se transformou em guerra.

Pelo tratado que seguiu a guerra de 1859 60 entre os hespanhoes e os marroquinos, ficaram os primeiros com um certo campo em torno de Melilla. Nesse campo tratou-se do levantamento de fortes de protecção e em 27 de setembro ultimo, o general Margallo, commandante da praça, ordenou se comesassem os trabalhos para se exigirem as fortificações de Guariach.

Isto só se fez, após uma previa conferencia com o *pachá* do campo, que nenhuns reparos appoz. Os trabalhos feitos de dia foram, porém destruidos pelos mouros na noite de 28.

Em 29, seguiram, de dia, os hespanhoes a trabalhar e a noite os mouros continuaram arrazando o trabalho feito. Na noite de 30, o general, que já communicara ao *pachá* que ia proceder com energia, deixou os trabalhos guarnecidos com um destacamento, apesar do que alguns grupos armados avançaram até proximo, fazendo fogo e ferindo um soldado. Outros grupos dirigiram-se até cerca da praça e desperaram contra as muralhas.

D'este modo, começou o conflicto, succedendo-se a batalha de 2 de outubro, em que os hespanhoes que guarneciam os postos avançados, foram forçados a retirar ante a enorme força de mouros que os assaltava.

Desde logo, na Hespanha, a voz geral tem sido pedir reparação e vingança. e as manifestações dos paisanos e militares dão uma nota de quão acceso e formidavel se levanta alli o sentimento do amor patrio.

Os manifestantes tem dado ás suas expansões uma nota de respeito que se deve evidenciar — o terem evitado manifestações contra a Inglaterra e Alemanha. E comtudo os hespanhoes sabem que esses paizes estão dando ás kabyilas, em guerra no Riff, um certo apoio.

Por Gibraltar tem os inglezes feito sahir, com destino a Marrocos, importantes remessas d'armamento indo harcos com espingardas e polvora occultas pelo demais carregamento.

Dos allemães sabe-se, em Madrid, por telegrammas, que na fabrica Krupp se tem apromptado canhões para os marroquinos, estando ali alguns d'estes instruindo-se no manejo d'aquellas machinas de guerra e outras armas.

Até os francezes se preparam; á vista dos casos occorridos no Riff e tambem por causa da aggressão dos Thouaregs contra um seu destacamento, mandaram concentrar forças do exercito de Argel na fronteira marroquina.

Chegará, pois, o conflicto hispano marroquino a provocar uma conflagração europea?... Eis uma pergunta a que desejamos responder negativamente.

Lord Salisbury disse:

«O perigo do rompimento da paz da Europa é só um e está fora da Europa: Está em Marrocos.»

O tigre já curva a garra adunca; não lhe agrada a expansão latina pelo mediterraneo. Melilla é um ponto estratégico, d'alta importancia, e as ilhas Chafarinas a trinta e sete milhas de Melilla constituem uma excellente posição militar com ancoradouros magnificos; abrigados e terrenos d'uma disposição natural muito vantajosa á defensiva e offensiva.

Haverão por ventura gravissimas complicações internacionaes? De certo, visto a situação reciproca das potencias europeas, e oxalá tudo se resolva em boa forma e em bem geral.

O general Margallo, de que damos o retrato, foi voluntariamente dar-se á morte na frente das tropas para não soffrer o desgosto de abandonar um posto de honra no momento de maior perigo.

Out'ora era nas luctas contra os carlistas e na repressão do movimento cantonalista que se affirmou sempre um homem de grande valor, decidido e energico até ao extremo.

Agora mesmo acabou mostrando que, para não abandonar o campo de batalha, preferia lá ficar aos golpes do inimigo.

Era condecorado com a cruz de S. Fernando e a firmeza do seu character transpareceu nas notas que enviou ao governo, em que revelava a modestia do homem valoroso e pudentoroso.

A guerra em Melilla, foi-lhe rude e penosa, mas o general fez honra ao legendario valor hespa-

A GUERRA HISPANO-MARROQUINA



GENERAL MARGALLO
COMMANDANTE DA PRAÇA DE MELILLA,
MORTO NO ATAQUE DE 21 D'OUTUBRO



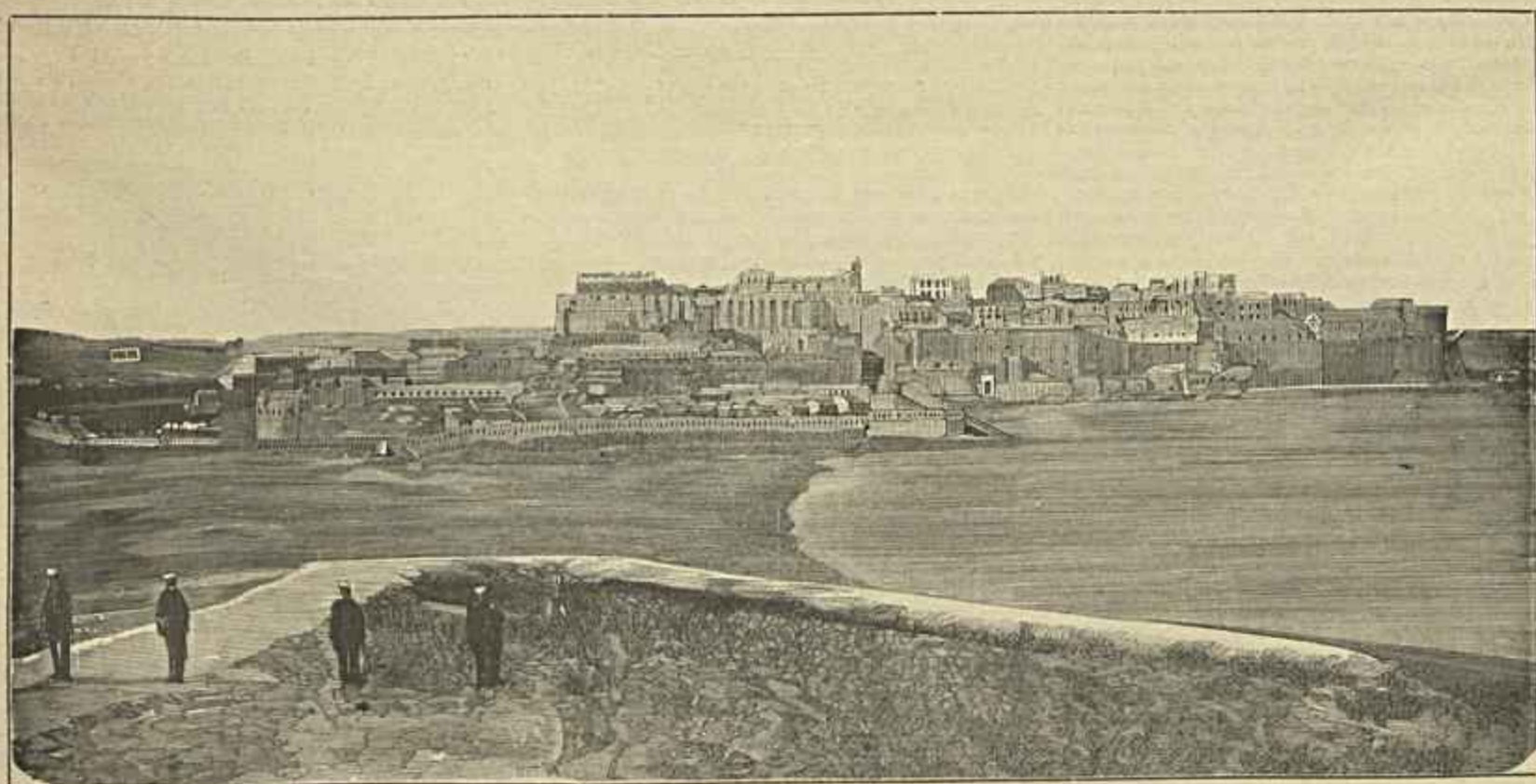
GENERAL MACIAS
NOVO COMMANDANTE DA PRAÇA DE MELILLA



UM SANTÃO



AVANÇADA DE RIFFENHOS



VISTA GERAL DA PRAÇA DE MELILLA

nhol, e se assim se deixou morrer nobremente foi por temer que outrem tomasse o commando das forças batalhantes.

O general D. Manuel Macias y Casadas, cujo retrato se vê na pag. 244 é o actual commandante das forças, que em Melilla, batalham contra os mouros. Em 1879 ate 1886 foi governador d'aquella praça, e n'esse loqar soube sempre impor-se ás kabyllas, sendo muito respeitado por ellas.

D. Manuel Macias, é natural da cidade de Teruel, onde viu a luz do dia, a 3 de novembro de 1844.

Na sua carreira militar começou por assentar praça na arma de infantaria em 1859. Recebeu a patente de alferes em 1861, em 1863 passou ao exercito de Cuba, partilhando nas operações de S. Domingos e em muitas outras pelo que muito rapidamente subiu postos alcançando o de tenente

fez porto, nem cousa alguma que facilitasse as transacções; porquanto já n'isso se pensa ha muitos annos.

As ruas da cidade, são tortuosas, empinadas e muito estreitas; as casas baixas não passam de cento e trinta a cento e quarenta. Resumindo, é uma praça importantissima pela sua posição geographica e constitue a chave com que os hespanhoes se poderão assenhorear de Tezza.

Como dissemos, para completar as obras defensivas do campo de Melilla faltava construir o forte de Sidi Guariach, o qual se havia de levantar a poucos metros da casa de um *santão*.

N'uma das nossas gravuras representamos um d'estes individuos chamados *santões*.

Os *riffenos* consideram como *santos*, isto é, illu-

NAS MARGENS DO TEJO

O Tejo, este formoso rio da Europa, que, perto da sua foz, forma o mais bello porto e ancoradouro do mundo e que apesar de muitas vezes estar calmo e placido e outras encapellado como um vasto oceano, tem contudo alguns pontos em que pela pequena largura da corrente serpeia em circumvalações chrystallinas como desconhecido arroyo por entre sarças e salgueiros.

Por muitos kilometros apoz a sua nascente, na serra de Alberracin, em Aragão, vem de manso atravessando as provincias de Cuenca, Guadalajara, Toledo e Badajoz e Estremadura portugueza.

A nossa gravura representa uma das ultimas moradas cujos balcões bordam as margens do grande rio, que, na provincia de Cuenca, corre com tão poucas aguas que ninguem ao vel-o



NAS MARGENS DO TEJO

coronel depois das batalhas de Sabana de Lazaro e Jobo, e o de coronel após os combates em Guasimas de Machado.

Voltando á Hespanha em 1875, tomou parte na guerra do norte, em todas as mais importantes acções.

Seguiu, depois, novamente para Cuba aonde permaneceu até 1879, praticando n'essa ilha alguns feitos notaveis. Em agosto d'esse mesmo anno, foi, como dissemos, nomeado governador de Melilla.

O seu accesso a general de divisão, deu-se em 1891.

Por estes leves traços se entrevê o character do valoroso soldado.

Na nossa pag. 244 damos uma vista geral da praça de Melilla. Esta praça acha-se na costa oriental da península do cabo Tres Forcas, junto a uma especie de bahias em abrigo, onde barco algum pode estar quando sopra o Levante. Posto que o seu commercio seja grande ainda se não

minados pelo superior espirito de Allah, todos os que aos seus semelhantes parecem treloucados. E assim parte dos taes *santões* são simplesmente uns loucos.

Entre os loucos, os verdadeiros *santões*, ha uns falsos os que bem exploram a sua situação e hoje pregam a guerra contra os *cães dos christãos*.

Continua a Hespanha enviando reforços para Melilla, e em todo o reino visinho, actualmente, não se ouve senão o grito patriótico *à Africa! à Africa!*

Registando este acontecimento historico o Occidente offerece, hoje, aos seus leitores, esta pequena descripção e as gravuras, indicadas voteiando para que em breve as luctas entre hespanhoes e marroquinos se terminem, como é mister para brio, honra e paz das nações europeias que se esterelizam em apparatus bellicos, ansejando occasião de se deslorçarem, já de odios velhos, já de ambições mal contidas.

assim tão estreito e tão chrystallino, dirá estar ali o começo do maior rio da península.

Pode dizer-se que o amplo Tejo, tão sublimado, alli se mostra, meigo e docil como tenro infante involto ainda pelas primeiras faixas.

Assim são todos os grandes rios, o Tejo, o Nilo e o Amazonas, nas suas nascentes tem pontos cuja passagem quasi se pode fazer a pé! e em outros só se conseguem atravessar em longas horas.

Desde esse começo, d'este defluir de aguas, que depois se conjugam a outras que lhe affluem até a sua foz, até ao seu desaguar no oceano, quantos logares pittorescos, quantas regiões selvaticas não fecundam e atravessam esses rios. D'aqui pois, uma successão de encantadoras paizagens, surprehendedes pontos de vista, já quedas em que a agua se despenha e polvorisa como argentea poeira, já em estreitos canaes em que o rio se torna caudaloso, já em largas planicies em que elle estende, perdendo a impetuosidade, em que se espreguica como um leão cansado de continuada correria, refazendo-se de forças para depois continuar, mais valoroso e agil, ora salvando dilatadas

campinas, ora agachando-se como um tigre por baixo dos juncaes, vindo, apoz, beijar os corpos nus das banhistas gentis que se lhe entregam ridentes e felizes, ou vindo embalar com amoroso impulso as grandes embarcações que sobre elle se sustentam, e nas suas espelhadas aguas se remiram e reflectem como outr'ora as grandes naus, atestadas de ouro e de pedrarias, que estas mesmas ondas, que este mesmo rio, beijou com uma voluptuosidade de enamorado, e que assim pensa recordar-se de tempos tão aureos, elle que nunca os esqueceu e que curvando ao peso dos couraçados das grandes nações, ainda espera beijar outras naus e outras frotas que tanto embalou, que adormeceram n'um lethargo de annullação, n'um somno de indiferença.

Um relatório inglês sobre a Índia Portuguesa

II

(Continuado do n.º 531)

O sr. Danvers começa por indicar como estão organisados os nossos archivos, e por narrar muito brevemente a historia d'essa organização. Logo n'esse exordio o sr. Danvers se mostra francamente elogioso, qualificando muitas vezes de admiravel o modo como encontrou colleccionados os documentos e dirigida a sua publicação. A amabilidade e aos serviços dos srs. Basto na Torre do Tombo e do sr. Barata em Evora mostra-se elle reconhecidissimo, e essas primeiras paginas deviam de certo impressionar agradavelmente os funcionarios portuguezes a que elle se refere.

A primeira secção do livro abrange todo o seculo xvi, e mais uma vez com vergonha notamos que na Inglaterra se fazem estudos que em Portugal sempre foram abandonados, e que tão uteis nos teriam sido. Em Inglaterra estudam-se as linguas da India moderna, lêem-se os seus livros, n'esses livros — muitos d'elles escriptos no seculo xvi — seguem a historia da India, e é uma humilhação para nós precisarmos dos escriptores inglezes para conhecermos por elles o que de nós pensavam e diziam os nossos adversarios. E não é que em Portugal esses estudos se abandonassem, quem os abandonava era o governo. Os nossos missionarios estudavam com affino as linguas orientaes, eram os primeiros Europeus que lhes escreviam a grammatica e lhes redigiam os dictionarios mas, esses livros, que já por si proprios constituam uma honra para Portugal, ou nem se chegavam a imprimir, e ficavam, como manuscritos desprezados, nas bibliothecas dos conventos d'onde desapareceram, ou, se se imprimiam, iam ser aproveitados e até traduzidos no estrangeiro, ao passo que em Portugal eram completamente abandonados pelo governo. A verdade é que em Portugal o que houve sempre de peor foi o governo. Não occultaremos esta triste verdade.

Assim o sr. Danvers a respeito de Calicut no seculo xv, que nós não conhecemos senão através das chronicas portuguezas, nos dá as phrases de Abd-er Razzak «N'ella se acham em grande abundancia artigos preciosos para alli trazidos de paizes maritimos, e especialmente da Abyssinia, Zihad e Zanguebar; de quando em quando alli chegam navios vindos das praias da Casa de Deus (Meca) e de outras partes do Hedjaz.» E acrescenta: «E' um porto perfeitamente seguro, que, como o de Hormuz, junta mercadores vindos de todas as cidades e de todos os paizes.

Muito rapidamente corre o sr. Danvers pela historia dos Portuguezes na India durante o seculo xvi, e, como era natural, o que conta com mais desenvolvimento são os primeiros combates navaes entre Portuguezes e Inglezes, e não temos que nos queixar da sua narrativa. Presta homenagem ao valor dos nossos antepassados o historiadôr que, contando como o galeão S. Philippe caiu em 1587 nas mãos de tão affamado almirante como era sir. Francis Drake, não deixa de notar que o galeão portuguez pelejou durante sete horas contra nove navios inglezes.

Não é menos brilhante o combate naval em que succumbiram o galeão *Madre de Deus* e o *Santa Cruz*, e d'esta vez para o narrar, o sr. Danvers não faz mais do que transcrever o que a esse respeito se lê na narração de Hakluyt. Eram sete os navios inglezes, e o commandante do *Santa Cruz*, vendo isso foi voluntariamente dar á costa na ilha das Flores, e queimou o navio, frustrando assim as esperanças inglezas. Não pôde fazer o mesmo a *Madre de Deus*, porque o *Sainty*, commandado pelo capitão Thompson, sendo excellentemente veleiro, pôde detel-o, mas «á sua custa, diz

Hakluyt, porque começou o conflicto tendo muitos mortos e feridos.»

A *Madre de Deus*, ao que se vê, defendia-se valentemente. Veio em auxilio da *Sainty* o *Roebuck*, do commando de sir John Roebuck, mas a peleja não affrouxou por isso, e mais dois navios, um commandado pelo capitão Newport, outro pelo proprio commandante da esquadra sir R. Crosse vieram arrojar-se á intrepida *Madre de Deus*. Concorreram os Inglezes que, se não conseguissem atacar a *Madre de Deus* á abordagem, o navio lhes escapava, porque o fogo que elle fazia era terrivel, e o *Roebuck*, tendo levado uma bala de artilheria abaixo da linha de fluctuação, estava a ponto de ir a pique, arrastando consigo a *Fore-sight*, do commando de sir R. Crosse. Conseguiu esta desembaraçar-se do *Roebuck*, e sir R. Crosse procurou incitar a sua tripulação a tentar a abordagem, mas era por tal forma terrivel a attitudão dos Portuguezes decididos a venderem caro a sua vida, que os Inglezes só se decidiram ao ataque, segundo a phrase de Hakluyt *after many excuses and fears*, depois «de muitas desculpas e medos.» Apenas se lançaram os arpêus, os Inglezes, é claro, portaram-se com a bravura que os caracterisa, e tres horas durou o combate entre os dois navios completamente isolados dos outros, e isto, se prova muito a favor dos nossos intrepidos marinheiros, não prova menos a favor dos marinheiros inglezes, que ainda assim succumbiram se no fim d'essas tres horas outros dois navios britannicos não viessem emfim acudir-lhes.

Succumbiu afinal o intrepido galeão portuguez, mas é por acaso menos digna de se registrar nos annaes mais gloriosos do nosso paiz esta pagina de epopeia do que tantas outras que se consignam só porque o triumpho as coroou?

Pinheiro Chagas.

LENDA DE IGNEZ DE CASTRO

(CARTA FAMILIAR)

Cai nas sombras da morte
A victima d'Amor lavada em sangue.
Bocage.

τὸν δὲ κατ' ὀφθαλμῶν ἐρεδονή
νῆξ ἐκάλυψεν

Ilíada, L. xiii, v. 580.

I

Meu amigo. Accedo constrangido ao seu convite para escrever algumas palavras relativas á poetica lenda do assassinato de Ignez de Castro, a quem denominaram *collo de garça*, quando já tinha no proprio nome² um perfume de innocencia e candura que desperta profunda sympathia. Esta morte ecoou por toda a litteratura: Calliope a narrou na historia, Melpomene a representou na tragedia; foi cantada na tuba epica, gemida no alaude, aproveitada para romance. E todavia Garrett parece que a considera como assumpto que está para tractar devidamente!

Uma mulher formosissima é morta com crueza a ferro,³ deixando orphãos os filhinhos e inconsolavel o amante. Seu sogro, que era rei, ordenou a sua morte, fidalgos illustres a executaram. O infante viuvo, louco de dôr, brande no auge do desespero o facho da guerra civil, a muito custo apagado, e subindo ao throno sacrifica em expiação dois dos assassinos, e corôa como rainha o

(1) Do primoroso livro *Ignez de Castro* publicado pelo Ex.^{mo} Sr. Annibal Fernandes Thomaz, por occasião do Tricentenário de Camões, edição numerada que foi distribuida particularmente, e que podemos agora obter pela extrema amabilidade de um amigo que nol-a emprestou, transcrevemos este bello trecho de prosa portugueza, devido á pena do fallecido Dr. Fonseca Pinto, de que brevemente publicaremos o retrato, como justa homenagem á memoria do eminente latinista e prosador portuguez.

Estamos certos que os nossos leitores apreciarão devidamente a *Lenda de Ignez de Castro*, como um dos mais primorosos escriptos que se tem produzido em a nossa lingua.

² *Agnes*, *elis* que em latim se resente de *agua*, *a*, *cor-deira*; em grego *ἁγνή* significa *casto*. Os menologios gregos escrevem *Ἁγνή*, *ἁγ*. Sancto Agostinho (Serm. 274) dá ás duas etymologias, a grega e a latina, sem preferir uma á outra.

³ Decollata fuit. Livro de Noa nos Portug. Monum. Hist.

cadaver da misera, levantando para jazigo de ambos, seu e d'ella, dois tumulos primorosos em Alcobaca. E ainda por fim foi elle, segundo a tradição, quicá o primeiro poeta d'essa scena sangüinolenta.

Imagine, meu amigo, este tragico successo em plena idade média e n'um sitio delicioso como é Coimbra, n'um paço real e n'um reino onde os reis são trovadores, como Diniz, Affonso iv e Pedro i, e diga-me o que lhe falta para a celebridade. A epocha corria cavalleirosa e aguerrida; não se decidiam ainda as questões co n'polvora e bala, a espada symbolisava o valor, posta ao serviço da patria e das damas. Predominava então a força, força de arbitrio e capricho, proveniente das multiplicadas invasões que reconstituíram a antiga nas modernas sociedades. Portugal encetara o seu periodo genesiaco, desenvolvido n'uma lucta generosa e portada que lhe serviu de escola. Naquella rudeza era tudo aspero e energico como as armas, e em taes circumstancias o amor aninhava-se naturalmente no capacete de Marte, isto é, as paixões eram de ferro e com elle se decidiam. Em guerreiros de fina tempera o affecto media-se pela craveira do esforço; tudo era forte, no bem como no mal. E senão veja me aquellos vultos epicos e tradicionaes do primeiro reinado, um Gonçalo Hermigues, um Egas Moniz Coelho, dois peitos d'aço e dois corações d'ouro, soldados e menestres; veja-me o primeiro Sancho enamorado d'uma Maria Paes, assim como o segundo perdido por uma Mécia Lopes de H ro, que lhe custou o reino e encurtou a vida. Decifre depois a lenda de Sancta Isabel, e entristeça-se com a morte de Ignez de Castro... Da *misera e mesquinha* cantava o atribulado esposo:

Estas feridas mortaes
Que pelo meu se causãrom
Nom huma vida, e nom mais
Mas duas vidas matãrom

Sangue do meu coração
Ferido coração meu,
Quem assi per esse chom
Vos espargeo sem razom?

A este triste canto seguiram-se outros. A lingua, que se podia dizer ainda no berço, foi recebendo na sua natural evolução a influencia d'este tragico acontecimento. Cantado primeiro em trova singela com aquelle perfume nativo quasi provençal, a poesia adaptou-o successivamente a todos os seus generos. Nas suas principaes phases, na lyra, na epopeia e no drama, que são, digamol-o assim, botão, flor e fructo da mesma arvore, este assumpto captiva sempre o genio, inspira-o, enlaça-se com todo o metro, amolda-se a todas as fórmulas. Esboçar-lhe-hei o que na nossa litteratura se distingue sob este triplice aspecto em quanto á Castro. Um estudo completo sobrava para farto volume, que mal se compendiará n'uma carta. Imbelle o pulso para manejar a penna, traço a furto sem ordem nem chronologia, os delineamentos incorrectos d'um quadro litterario.

No lyrismo occorre primeiro Bocage. O numero Elmano consagrou a este assumpto uma cantata, cujo recitativo é energico e a aria melodiosa, e que se recente da leitura do episodio camonian; pelo menos o introito e o remate foram modelados pelo Camões.—Estava Ignez formosa longe do esposo na margem do Mondego, alfofrando as faces de mavioso pranto; os filhos gosam no regaço da mãe o somno da innocencia. Que scena gentil! Afagam-lhe o rosto os favonios com as plumas, o Mondego serpêa limpido por entre boninas, doura-se o sol de luz mais viva, Adormece, mas não lhe dorme a phantasia, porque o amor não dorme; sonha, e gratas illusões lhe bafejam o espirito. Entram os algozes, a infeliz acorda e morre traspasada de impios ferros. As filhas do Mondego completam a poesia. Do Mondego, que attonito recua, diz Bocage, do sentido Mondego as alvas filhas surgem das urnas de crystal, e attentando no horror do caso, infausto, arrepellam as nitidas madeixas e soltam saudosa e flebil canção...

Quando CASTILHO em 1822 cantou a festa de Maio na Lapa dos Esteios, não esqueceu tambem no seu poemeto estes amores. Imagina-se deitado na poppa do barco que fendia as aguas do rio, dictando versos que os companheiros cantavam e o echo em baixa voz apprendia. Suave a toada, a letra alegre, primeiro Galatêa depois a Castro prestam materia a dois deliciosos idilios. Sugeriu-lhe o segundo ouvir ao longe soluçar a

a Fonte, e a phantasia revolveu-lhe por entre os cedros e feras cyprestes juncto da fraga d'onde brota a lymphia. Esquece a morte da infeliz, e só recorda os seus enamorados affectos. Entre manebos que se diziam sacerdotes de Maio, e fluctuando sobre as aguas transparentes do Mondego, a musa só lhe podia inspirar visões gratissimas.—Em noite de lua, que se reflectia no tanque serena e quieta, escassas as auras fluviales, que brandas agitavam as arvores, Pedro e Ignez passavam em terno colloquio momentos esquecidos. Monotono se escuta o rumor da agua, variado requebra seu gorgoejo o rouxinol, os zephyros se embriagam em perfumes que as flores refinam. Prolonga-se o canto, que o assumpto dulcifica, e só expira quando o barco roça emfim nos rochedos da Lapa.

SOARES DE PASSOS canta de Camões que o bardo guerreiro quiz dar á patria a voz do cysno moribundo em seus cantos divinos. E accrescenta:

E que sentidos cantos! De Ignez triste
Se ouve mais triste o derradeiro alento,
Eusinando o que pode o sentimento
Quando um seio que amou de amores canta...

Estes versos se podem melhor applicar á elegia que elle proprio compoz, denominada a *Fonte dos amores*. E' esta a pintura do assassinato sem os resabios classicos dos Lusitanos, sem elmanismos empolados ou o luxuriante viço de Castilho. E' pequena, similhando uma miniatura; as tintas são severas mas não carregadas; os traços correctos, os versos irreprehensíveis. Narra com grandeza e simplicidade, geme mavioso a infanda historia. Não invoca para o choro os tigres ou as serpes, nem as naiadas ou as nymphas. As aves do arvoredo, os echos, as brizas parecem murmurar o caso triste, o sangue tinge as pedras, a fonte em som queixoso inda repete ás margens, aos rochedos commovidos, o nome de Pedro, ciciado a custo no derradeiro e moribundo alento.

Não escapou a João de Lemos a *Fonte*... Em noite de primavera tece-lhe pequena canção no *Livro de Elysa*. E' a noite esplendida de luar, que espargue poeira de prata na superficie das aguas. O poeta, poeta por excellencia do *astro saudoso*, ama-lhe o livido clarão, porque não cega os olhos como a luz do sol; enamora-se, idolatra, do enverganhado riso da casta Delia. A' beira do Mondego, n'uma ingenua anacreontica, resuscita a fabula de Narciso, o salgueiro que se mira no crystal derretido. Echo, a briza doída por elle rejeitada, alborota a lymphia, tolda lhe com as azas o liso espelho, onde cuida esconder-se uma rival. Enlevado nas bellezas de Coimbra, não podia João de Lemos esquecer a *Fonte de Ignez*, cujo murmurio escuta ao longe, como que a chorar lhe a morte escura...

Sem nome de auctor publicaram-se em 1783, reproduzidos depois n'outras edições, 25 sonetos a D. Ignez de Castro, em pequeno opusculo, os quaes são attribuidos a Antonio Ribeiro dos Santos, ainda que sem fundamento, porque se não incluíram na collecção dos seus versos, feita posteriormente, e onde apparecem outros do mesmo assumpto e que sobrelevam a estes em merito litterario. Entretanto os 25 lêem-se com agrado. Logo no primeiro memora a fonte com as suas penhas, theatro do amor mais verdadeiro, as aguas que foram espelho de Castro, os cedros que a ouviram. Tudo a idade destruiu; só ficaram os echos repetindo queixosos a sua historia triste. N'outro diz que os laivos sanguineos, que marchetam as pedras, não são de Ignez, mas das nymphas quando lamentaram a sua sorte, ficando impressos em signal nos penhascos escabrosos. Aqui gemem as nadas cheias de piedade, e cortam os negros cabellos pendurando-os no templo da tristeza. Acolá as aguas prateadas do regato vagaroso e brande se converteram em lagrimas. Do collo da desditosa se via correr o sangue em borbotões; a sombra da morte n'ella diffundia ferreo somno. Como a ave, que vê o ninho derramado pelo chão, se remonta aos ares, chora e geme; gyrá pelos bosques afflicta, escuta, busca, pia; os filhos chama... tal anda Pedro pela amante assassinada...

São oito os sonetos de Antonio Ribeiro dos Santos que sobre este objecto se lêem nas suas poesias, todos cadentes e perfectos, n'aquella matificação artistica em que prima o Duriense Elpino. O douto academico compozera em annos juvenis o primeiro, que se espalhou anonymo e colheu reputação segura. Vieram mais tarde os sete restantes, fundidos no mesmo molde e feitos por se pôr em duvida a paternidade d'aquelle. Escusado é dizer que apparecem os mesmos sitios, a mesma fonte, penhas, cedros; as aguas convertidas em lagrimas; as nymphas gemendo sobre o pallido corpo. Imitado de Camões, distingue-se este lindo terceto:

O nome do seu Pedro, que lhe ouviram
Soltar da bocca fria, os sobranceiros
Montes por grande espaço repetiram.

Um magistrado, desembargador dos aggravos na relação, e nosso ministro em Paris e n'outras côrtes, dedicou tambem um soneto a este assumpto. Escripitor correctissimo em prosa, correcto mas frio como poeta, DUARTE RIBEIRO DE MACEDO endereça a sua composição á *Senhora Dona Ignez de Castro*. Só este titulo revela o diplomata ceremonioso, cuja frialdade repassa todos os quatorze versos. Ainda assim a chave se não é de ouro, mostra-se conceituosa:

Mas oh rigor da humana desventura,
Que antes falta um primor á natureza,
Que falte uma desgraça á formosura!

No livro *Miniaturas* GONÇALVES CHESPO falla de Ignez n'um soneto consagrado a Coimbra. E o livro conhecido, e não menos esta poesia que sobresahe entre os seus primores.—A cidade dorme ao luar em tepida noite de verão com os pés mettidos nas frescas aguas murmurantes do Mondego. Ainda ha pouco chorara nos bandolins a branda serenada, mas tudo é silencio agora. Repoisa o caos, a riba é solitaria, e nas curvas lanchas dormem os barqueiros;

O poeta no entanto, o eterno paria,
Escuta a voz de Ignez entre os salgueiros.

Que formosa imagem é o soneto todo! Coimbra semella, como já disse algures, uma nymphia da mythologia, a quem o deus do somno surpreendeu no banho. O rio lhe refresca as plantas, serve-lhe de leito a collina. Na calada da noite Diana a oscula com seus raios, as naiadas a acalentam com o susurro das fontes. O socego é completo e o somno da cidade profundo; palpita-lhe só o coração, e o coração de Coimbra é o poeta que vela ouvindo a voz de Ignez no ramalhar dos salgueiros.

O padre ANTONIO PEREIRA DE SOUSA CALDAS, brasileiro, visitando o tumulo de D. Ignez de Castro, improvisou um soneto, em que imagina os amores empregados como artistas n'aquella lugubre escultura. Ao traçal-a tapam os olhos com as mãos, movidos de terna piedade. Diz o poeta:

O genio da tristeza, que invocaram,
Lhes applica o ciuzel á pedra dura,
E a triste, majestosa sepultura
De Ignez e Pedro junctos acabaram.

D'outro distincto brasileiro, DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES MAGALHÃES, o épico da *Confederação dos Tamoyos*, o Young fluminense das *Noites melancolicas*, ha uma nenia á morte de Ignez de Castro, que foi recitada no fim da representação da *Nova Castro* de João Baptista Gomes no theatro particular da rua dos Arcos no Rio de Janeiro. Posta em scena esta bella tragedia, que apezar das seus defeitos sobresahe, como diz Garrett, pela muita luz de engenho, muita sensibilidade e muita energia, foi-lhe addicionada a scena da coroação, que vem na de Nicolau Luiz, ao que allude logo o poeta no principio:

Inda a feia catastrophe horrorosa
Da miserrima Castro se me acoilha!
Inda o frio cadaver estendido
E tincto no seu sangue alli divisol...

(Continua)

A. A. da Fonseca Pinto.



REVISTA POLITICA

O que mais se está discutindo na imprensa politica é, se o governo deve ou não deve dissolver o parlamento, e fazer novas eleições, o que vale o mesmo que ignorar se o governo tem ou não tem maioria para governar.

É curioso que os politicos que dão ou tiram maiorias aos governos, venham discutir se o actual governo terá ou não essa maioria, sem apontarem os factos porque elle deve deixar de ter o apoio das camaras que lhe approvaram as ultimas medidas propostas.

Que razões haverá hoje para o governo não merecer a confiança da camara que ha poucos mezes, em junho, lhe votou as suas propostas?

O governo é o mesmo que era; os projectos que a camara lhe approvou estão em via de execução, não exorbitou das auctorisações que as camaras lhe deram, e se nos fosse dado acreditar

em algum governo, nós acreditaríamos que o actual é dos melhores que temos tido n'estes ultimos annos, sem com isto quebrarmos a imparcialidade politica que sempre aqui temos mantido.

Mas porque é então que vae tomando vulto, á maneira que se aproxima a epoca parlamentar, a idéa da dissolução da camara?

Não é facil responder a esta pergunta, sem a explicar pelas manhas velhas, que todas as vicissitudes porque temos passado não tem sido capazes de curar, por mais protestos que se façam de vida nova, por mais benevolas expectativas que se apregoem.

Qual é o partido politico que quer o poder?

É o progressista?

Para que?

O estado do thesouro, não permite augmentar benezes para contentar partidarios. Isto agora é uma penuria, não ha vintem, nem onde o ir buscar, porque, não ha quem fie, está trancado o credito, e então senhores politicos não nos parece que façam grande fortuna d'esta vez.

Mas se não é a ambição do poder que está fazendo a queda do governo ou a dissolução da camara, o que será então?

Ha quem attribua a outras causas a possibilidade de uma dissolução da camara ou a da queda do governo, e essas causas fundam-se nas ultimas syndicancias a que o governo procedeu e descoberta de roubos que entregou ao poder judicial.

Não temos duvida em acreditar que isto possa levantar opposição ao governo, não só pelo que já descobriu, mas principalmente pelo que poderia chegar a descobrir.

Mas como já se deitou sufficiente agua na fervura para que não se chegue a descobrir mais nada, é de suppor que aquella opposição não vá por diante, e tudo se concilie á vontade dos srs. politicos que dão leis n'esta patria de Ulysses.

Veremos e contaremos do que houver, e, no entanto vamos-nos consolando com as prosperidades economicas do paiz apreguadas pela tuba de varios jornaes, extasiados perante os rendimentos das alfandegas terem augmentado consideravelmente n'estes ultimos mezes.

Os economistas cá da terra são assim: em vendo que crescem os rendimentos aduaneiros batem as palmas, e tudo vae n'um sino, ainda mesmo quando milhares de braços andam por ahí á boa vida sem terem onde trabalhar.

Nós estimariamos muito saber de que resulta este augmento do rendimento alfandegario. Se elle provem do augmento de exportação, se da entrada de materias primas ou machinismos; se da importação e reexportação de generos coloniales, para então fazermos o nosso juizo sobre as vantagens positivas d'aquelle augmento.

Mas enquanto não soubermos isso (que se Deus quizer havemos de saber) não nos entusiasmos nada absolutamente, ficamos impassíveis esperando os acontecimentos.

João Verdades.

NECROLOGIA

O GENERAL GERARDO PERRY

Poucas vezes a imprensa tem sido tão justa, nos seus encomios, como quando se referia ao general Gerardo Pery, fallecido a 15 de outubro.

Militar,—a sua folha de serviços, é, de uma simplicidade e segurança como a marcha fleugmatica dos soldados allemães.

Funcionario,—quer ao serviço do ministerio da guerra, quer ao do das obras publicas, desde 1837 até 1893, é a elle que se devem importantes publicações estatisticas e o levantamento da carta agricola. D'isto dão prova brilhante: *A Geographia e estatística de Portugal e Colonias, Estatística Agrícola do districto de Beja, Statistique du Portugal et ses Colonies*, e os documentos do *Inquerito Agrícola da 8.ª região agronomica* em 1888.

A Exposição Industrial e agricola em Lisboa, a nossa exposição de vinhos em Berlim e a exposição portugueza em Paris, no anno de 1889, tiveram, no general Gerardo Pery, o seu mais brilhante collaborador, sendo, da de Berlim a sua verdadeira alma mater.

Ahi está, em poucas palavras, descripta a sua vida de funcionario zeloso, e de verdadeiro patriota, como tão brilhante o demonstraram as exposições de Berlim e de Paris.

Não fazendo nunca estendal da sua valiosa e vasta erudição, parecia ter medo que o alcinhassem de encyclopedico. O seu tracto affavel para os desprovidos de fortuna, era por vezes, de uma energia para os dominadores para os que tudo possuem, até o trabalho dos outros, que deveras



GENERAL GERARDO PERRY

Fallecido em 15 de Outubro de 1903

devia surpreender n'este derrancador fim de século.

Quanto ao homem, seria uma banalidade dizer que era estimado na família. Por isso que um character nobre como era o de Gerardo Perry e que teve por collaboradora, na obra santa da educação de seus filhos, uma senhora extremamente bondosa e muito illustrada, não é estimado e admirado por todos.

Manuel Farradas



O ACTOR FRANCISCO CARDOSO LEONI

Fallecido em 21 de Outubro de 1893

Não ha ninguem em Portugal que não o conhecesse, não ha ninguem que não o tivesse applaudido.

Durante 26 annos a trabalhar todas as noites, n'um dos primeiros theatros do paiz, n'um dos mais concorridos e a trabalhar sempre em evidencia, sempre em lugar proeminente, sempre na fila dos primeiros, dos melhores, dos mais illustres, quem ha ali que nem uma vez se quer se escandalhasse a rir com as caras, os gestos, os ditos, a veia comica, inexgotavel do Leoni no theatro da Trindade?

E se todos que com elle riram e riram muitas noites, durante esses 26 annos, derramassem uma lagrima, só que fosse, agora que elle se retirou da vasta scena do mundo, para esse sinistro camarim, chamado cova, a morte de Leoni seria um lucto nacional!

Foi em 1866 que elle appareceu pela primeira vez no palco d'um theatro publico, mas antes d'isso tinha apparecido muitas vezes em theatros particulares, no antigo theatro do Aljube, principalmente, e tinha apparecido dando muito que fallar de si, pelo seu talento, pela sua vocação theatral, pelas suas aptidões para galan!

Deu tanto que fallar de si, o Leoni, que Francisco Palha, que andava então fazendo do theatro da Rua dos Condes viveiro de artistas para depois os trasplantar para o theatro da Trindade, que já se estava construindo, foi ouvil o ao Aljube e deitou-lhe logo a mão.

O Leoni estreou-se na Rua dos Condes no *Guerreiro*. Agradou bastante mas ainda não se podia prever o successo enorme que o esperava.

Esse successo veio quando Leoni abandonou de vez os galan e se dedicou abertamente aos centros comicos, aos caracteristicos.

Esse genero deu-lhe a sua grande nomeada e foi n'elle que Leoni se tornou rapidamente um dos primeiros actores comicos do nosso paiz.

Graça como o Leoni havia muito pouco quem a tivesse e essa graça tinha um feitiço muito pessoal, muito caracteristico que o tornava inimitavel e por isso no seu genero o Leoni não tinha competidores, era unico porque o seu genero era elle.

Não é facil citar primarias entre a infinidade de papeis que elle creou durante os seus 26 annos de actor comico: citaremos positivamente ao acaso: *Amazonas de Tormes*, *Mascotte*, *Mulher do Papá*, *Os 30 Milhões*, *Romão e Companhia*, *Perichole*, *Barba Azul*, *Senhora Angol*, *Almas do Outro Mundo*, *Noite e Dia*, *Moleiro d'Alcali*, *Dragões d'El Rei*, etc.

Leoni alem de grande actor comico era um excellent traductor theatral e muitas das mais festejadas peças, que representou na Trindade foram por elle traduzidas.

Como ensaiador foi tambem muito distincto: succedeu n'este logar ao fallecido Cunha Moniz, no theatro da Trindade quando este foi nomeado para um cargo importante no caminho de ferro do Norte e Leste, e n'elle se conservou até a morte de Francisco Palha, com pequenas intermitencias. De vez em quando o Leoni deixava de ser ensaiador, mas ficava sempre sendo actor da companhia e era sabido, quando elle n'uma epoca deixava de ser ensaiador, que voltava a sel-o na epoca immediata. Um anno esteve ensaiador da Trindade o Moutinho; no anno immediato voltou o Leoni; depois foi ensaiador o pobre Aristides Abranches, voltou o Leoni; depois o actor Mello, voltou o Leoni, e só deixou de vez o logar em 1891 quando uma grave doença, doença de que nunca mais se restabeleceu completamente e de que lhe ficou a anemia profunda que dia a dia o foi matando, o obrigou a recolher-se ao leito onde esteve mezes entre a vida e a morte.

Melhor d'essa enfermidade voltou a representar mas a ensaiar nunca mais; e a representar era já apenas uma pallida sombra do que tinha sido, sombra, que pouco a pouco se foi apagando...

Até ao fim da epoca passada o Leoni conservou-se em scena na Trindade: no principio d'esta epoca passou como actor e ensaiador para o theatro da Avenida. Ensaio a primeira peça mas não chegou a representá-la.

A morte andava já de volta com elle. Elle presentiu a e não quiz que ella o viesse encontrar no theatro: quiz que o fosse arrancar no seio da familia, aos braços d'aquelles que o estremeciam e que elle adorava, sua mulher, sua filha e seu filho.

E no dia 14 de outubro ainda nós o vimos na Avenida, vestido de Rei de Granada a ensaiar a magica, e d'ali a 7 dias, no dia 21, vinha do Cartaxo a noticia da sua morte.

Francisco Cardoso Leoni era muito illustrado e tinha sido em tempo professor de instrucção primaria.

Tinha apenas 52 annos de idade.
Paz á sua alma.

CONDE DE MOOSER

O sr. conde de Mooser, Eduardo Mooser, que falleceu no Porto no dia 20 do mez passado, nasceu em Lisboa em 26 de junho de 1816. Filho de Jorge Christovão Henrique de Mooser conselheiro de Wurtemberg, em Lisboa, optou pela nacionalidade de seu pae, pelo que era subdito allemão entretanto o sr. Eduardo Mooser se para os seus direitos politicos era estrangeiro, o seu coração era portuguez pela extrema dedicação que tinha pelas coisas de Portugal.

Descendente da antiga nobreza de Wurtemberg, não desmentiu durante a sua longa vida a fidalguia do seu nascimento, tanto pelos primores de homem de sociedade e illustração do seu espirito, como pelos serviços que prestou a Portugal com a sua valiosa iniciativa em muitas empresas uteis e instituições civilisadoras e de beneficencia.

E' assim que o sr. conde de Mooser instituiu no Porto, em 1852, a Real Sociedade Humanitaria



CONDE DE MOOSER

Fallecido em 20 de Outubro de 1893

de que era presidente honorario e 1.º secretario. Foi um dos mais dedicados membros da Sociedade Protectora dos Animas Domesticos, de que era presidente. Organizou uma companhia de navegação de cabotagem, que depois se estendeu até ao Brazil. A sua iniciativa se deve a criação da Companhia de Utilidade Publica. Fundou o Banco Mercantil. Trabalhou fortemente para o desenvolvimento da industria da seda e outras industrias manufactureras. Instituiu a Companhia dos Reboques, e prestou o seu valioso auxilio a muitos outros empreendimentos.

Elaborou um projecto de porto de abrigo em Lavadores e tratou da balisagem do rio Douro, e foi um dos que mais se interessou pela realização da exposição Internacional no Palacio de Crystal do Porto.

Dedicado as sciencias economicas, mereciam-lhe aturado estudo, escrevendo numerosos artigos no *Commercio ao Porto*, *Commercio Portuguez*, *Economista*, *Jornal das Finanças e Correspondencia de Portugal*.

Grande conhecedor de questões de direito Commercial, o seu conselho era sempre escutado com proveito, sendo até pedido muitas vezes por juriconsultos abalisados.

Na sua qualidade de estrangeiro, nunca se envolveu na politica de Portugal, o que não impedia que fosse extremamente dedicado á familia real portugueza, e em 1847 concorreu com o seu auxilio monetario para ajudar a causa da Rainha e Senhora D. Maria II.

Como humanitario, que o diga a classe pescatoria do norte, que lhe merecia os seus maiores cuidados encontrando sempre n'elle um pae desvelado para lhe valer nos seus revezes do mar. O sr. conde de Mooser era incansavel em soccorrer os pobres pescadores sempre que a desgraça os perseguia.

Era o sr. Eduardo Mooser o 1.º visconde e 1.º conde do appellido de sua familia, commendador de Nossa Senhora da Conceição, cavalleiro da legião de Honra, da Rosa e da de Numero de Wasa, e consul de Wurtemberg na cidade do Porto, onde vivia ha muitos annos.

Na chronica do ultimo numero do OCCIDENTE, encontra-se uma larga referencia ás qualidades superiores de character do illustre instincto, cuja falta foi muito sentida, como de um cidadão prestante e bom que era muito mais portuguez que allemão.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1894

Já sahio a publico e está á venda em todas as livrarias este annuario illustrado.

A capa é um formosissimo chromo allusivo ás touradas, em que se vê a Praça do Campo Pequeno. Preço 200 réis; pelo correio 220; pedidos á

Empresa do OCCIDENTE

L. do Poço Novo—Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho, M. de S. & C.ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 27